

A GESTÃO DA (DES)INFORMAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA DESESTABILIZAÇÃO DOS MECANISMOS DE ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

FERNANDES, Cristiane de Souza Stevans
Doutoranda, UFF, Niterói, Brasil, cristianesf@gmail.com

STEVANS, felipe Fernandes de Souza
Doutorando, UFF, Niterói, Brasil, felstevans@yahoo.com.br

RESUMO

A sociedade contemporânea globalizada, após a intensificação do uso da internet, vem experimentando expressivas e rápidas modificações que refletem nas subjetividades, relações e na maneira de se informar. Expressões como “*big data*”, “*hoax*”, “*fake news*” e a mais recente “*pós-verdade*” se tornaram comuns na tentativa de compreender as constantes e irrefreáveis alterações ocorridas na esfera da cibercultura. O presente artigo, por meio de um método dedutivo e exploratório, visa analisar os processos de manipulação das informações nas mídias sociais, bem como estudar os reflexos dessa nova dinâmica nas instituições. Como resultado, entende-se que o existente aparato tecnológico pautado no volume, velocidade e variedade de dados produzidos, manuseados e disseminados na internet tem impactado significativamente na formação da opinião pública e na estabilidade, confiabilidade e legitimidade dos principais mecanismo de organização da sociedade.

Palavras-chave: Gestão da informação; Internet; Mídias Sociais; Manipulação tecnológica; Crises institucionais.

RESÚMEN

La sociedad contemporánea globalizada, después de la intensificación del uso de Internet, viene experimentando expresivas y rápidas modificaciones que reflejan en las subjetividades, relaciones y en la manera de informarse. Las expresiones como “*big data*”, “*hoax*”, “*fake news*” y la más reciente “*post-verdad*” se volvieron comunes en el intento de comprender los constantes e irrefrenables cambios ocurridos en la esfera de la cibercultura. El presente artículo, por medio de un método deductivo y exploratorio, pretende analizar los procesos de manipulación de las informaciones en los medios sociales, así como estudiar los reflejos de esta nueva dinámica en las instituciones. Como resultado, se entiende que el existente aparato tecnológico pautado en el volumen, velocidad y variedad de datos producidos, manipulados y diseminados en Internet ha impactado significativamente en la formación de la opinión pública y en la estabilidad, confiabilidad y legitimidad de los principales mecanismos de organización de la sociedad.

Palabras clave: Gestión de la información; Internet; Redes sociales; Manipulación tecnológica; Crisis institucionales.

ABSTRACT

The globalized contemporary society, after increasing the use of the Internet, has been experiencing expressively and overcoming reflections on subjectivities, relationships and the way

of of being informed. Expressions such as "big data", "hoax", "fake news" and the latest "post-truth" have been identified in an attempt to understand the constant and unstoppable changes that have occurred in the cyberculture's sphere. The present article, through a deductive and exploratory method, intends to analyze the processes of manipulation of information in social media, as well as to study the reflexes of this new dynamic in the institutions. As a result, it is understood that the existing technological apparatus based on the quantity, speed and variety of data produced, manipulated and disseminated on the Internet has had a significant impact on the formation of public opinion and on the stability, reliability and legitimacy of the main organizational mechanisms of society.

Keywords: Information management; Internet; Social Media; Technological manipulation; Institutional crises.

SUMÁRIO. I. INTRODUÇÃO; II. A ERA DA INFORMAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES, DINÂMICAS E A CULTURA DA INTERNET; III. MÍDIAS SOCIAIS E A GESTÃO DA (DES)INFORMAÇÃO; IV. (DES)INFORMAÇÃO E CRISES INSTITUCIONAIS; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

I. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os meios de comunicação digitais, especialmente as mídias sociais, ganharam espaço significativo no cotidiano da sociedade da informação. Esse ambiente virtual tem propiciado alterações nas relações sociais, impactado nas subjetividades, e se constituindo meio propício para o exercício da liberdade de expressão, com expressão, em meio a um grande fluxo comunicativo.

O avanço da internet, dos relacionamentos em rede e da intensificação do uso de plataformas como as redes sociais, trouxe a sociedade contemporânea novas vivências nunca experimentadas, e novas subjetividades, através da velocidade, multiplicidade e extensão de fluxos comunicacionais reverberados e expressados livremente. Por se tratar de tecnologia de informação e comunicação radicalmente inovadora e com transformações ainda em curso, o estudo da internet revela diversos aspectos desafiadores.

Cada vez mais, a internet tem se constituído um dos principais meios de comunicação, especialmente após a disseminação do uso dos smartphones, que tornaram mais acessível a utilização dessa plataforma e, nessa mesma direção, a internet tem se tornado também um dos principais meios para obtenção de informações.

Através da internet é possível ter acesso a uma infinidade de conteúdos sobre os mais variados temas e em diversos formatos. Sites, blogs, redes sociais, livros, vídeos,

áudios são armazenados nessa mídia, estando disponíveis para consulta a qualquer momento. Dúvidas sobre questões cotidianas como, por exemplo, determinada receita culinária, obter dados para elaboração de um trabalho escolar, questões políticas da atualidade ou entender os sintomas de uma doença, podem ser esclarecidas em alguns segundos após uma rápida busca na internet.

As redes sociais exercem uma função peculiar no que se refere a obtenção de informação. Além da possibilidade de ativamente se manifestar e produzir conteúdo, a postura ativa no ato de “ir atrás” de informações ganha uma inversão no curso da corrente, uma vez que o fluxo de informações aparece incessantemente para o usuário sem que seja necessário realizar uma busca. Nesse sentido, seria possível a equivocada compreensão de que as redes sociais em pouco divergem das tradicionais mídias de comunicação como a televisão ou o rádio, as quais também emanam informações independentemente de uma postura ativa de busca por parte do usuário, que se limita apenas a acessar essa mídia (ligar a tv ou o rádio) e escolher um canal.

Ressalta-se, porém, que a principal diferença, na qual reside a relevância do tema em questão, se refere ao processo através do qual as informações que aparecem na *timeline* de determinado usuário são selecionadas para ele, ou seja, quais informações aparecerão para quem e quais são os critérios de definição. E para compreender essa dinâmica é necessário entender que toda e qualquer atividade realizada na internet (todo clique, toda busca), deixa um “rastro” de dados que, posteriormente, permitem que o ambiente seja modelado para uma experiência personalizada para o usuário, através de um complexo aparato tecnológico manipulado para diversos fins, por diferentes atores. Assim, o ato de se informar através da internet tem se tornado atividade complexa e confusa, diante dos diversos entraves comunicativos desse ambiente, quais sejam principalmente as famosas *fake news* e os *bots* (simulações de usuários reais que curtem, comentam e compartilham conteúdo como se pessoas fossem).

No decorrer da última década, ao redor do mundo e no Brasil, principalmente no ano de 2018, a dinâmica participativa da internet coadunada à utilização desse aparato tecnológico vem produzindo impactos significativos na formação da opinião pública e na relação da sociedade com as instituições que a organizam e nas quais usualmente sempre existiu uma relação mínima de confiança. Pôde ser observado um fenômeno nunca antes vivenciado de forma tão aguda entre brasileiros, no qual informações (verdadeiras ou não), associadas a um aparato tecnológico programado, eram ditas, contraditas e desditas

em um ritmo difícil de ser acompanhado pela capacidade cognitiva dos cidadãos, que confusos restaram sem saber em que acreditar ou confiar.

O presente artigo busca, mediante a análise dos processos de manipulação das informações nas mídias sociais, estudar os reflexos dessa nova dinâmica de informações na formação da opinião pública e, por consequência, nas estruturas basilares da sociedade.

Entendendo-se a gestão como a organização e monitoramento de um sistema para que haja o alcance de resultados para finalidades específicas, busca-se estudar a gestão das informações nas mídias sociais, através desse aparato tecnológico, para que seja possível a melhor compreensão dos impactos na formação da opinião pública e em como isso afeta a relação da sociedade com suas instituições.

Dessa forma, surge a necessidade da análise da (des)informação como elemento de influência na desestabilização das instituições basilares da sociedade, pois o que antes poderia ser visto como uma base sedimentada em valores, deixa sutilmente de sê-lo em razão da falta de consolidação. Surge, ainda, a necessidade de compreender o que ocorre quando o empobrecimento da capacidade crítica da absorção da informação se mistura com a velocidade avassaladora da multiplicação dos meios de emissão de informações utilizadas de forma tático-estratégica.

Objetiva-se, então, sem a pretensão de esgotar o tema, analisar e realizar uma reflexão acerca a manipulação estratégica das informações nas mídias sociais e a desestabilização dos mecanismos de organização da sociedade, pautada na fragilização de elementos como confiança, legitimidade e credibilidade, na tentativa de trazer contribuições relevantes para o campo de estudo relacionado.

Para tanto, pretende-se utilizar uma abordagem estruturada em momentos distintos e complementares, combinando reflexão racional com observação empírica de fenômenos. Em um primeiro momento, pretende-se abordar as novas dinâmicas propiciadas pelo uso cotidiano da internet e seus reflexos nas subjetividades, nas relações interpessoais e no modo de se informar. Em seguida, há o propósito de estudar a informação e seus processos de gestão, tendo como substrato o volume, variedade e velocidade das informações produzidas no ambiente da internet. Por fim, pretende-se analisar e refletir sobre as implicações dos processos de (des)informação engendrados com finalidades subjacentes e os reflexos na tomada de decisões, compreensão da sociedade e de suas instituições basilares.

II. A ERA DA INFORMAÇÃO: PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO, DINÂMICAS E A CULTURA DA INTERNET

No decorrer de várias décadas foram experimentadas modificações na produção, distribuição e no consumo de informações. A globalização e as novas tecnologias proporcionaram uma experiência antes não imaginada, uma alteração no sentido e forma de produção e recepção de informações antes concentradas em setores de comunicação criados para tanto.

Com o advento da internet, e a consequente relativização das noções de tempo e espaço, a velocidade com a qual o fluxo informativo se difunde e alcança lugares extremos é incomparável a qualquer outra já observada, assim como é também, irrefreável.

A descentralização e alcance proporcionados pela internet se devem ao fato desta ter dado autonomia a qualquer pessoa no mundo que possua os meios técnicos necessários (suporte como computador, *notebook*, *tablet*, celular, conectado à internet) para falar o que quiser, e para quem quiser, de onde e para onde desejar.

O ambiente da internet é quase sempre relacionado com a esfera do “virtual”, sendo possível se vislumbrar, inicialmente, várias significações para esse conceito. A opção que geralmente primeiro vem em mente é a ideia de virtual enquanto oposição ao real, a de que a existência de um anularia o outro, sendo o virtual associado à noção de ilusório ou fictício. Pode-se entender, entretanto, que a virtualidade da internet, especialmente em termos de comunicação, é composta pelos mesmos elementos do “mundo concreto”, sendo expressão dele ou ele próprio, reverberado nesse novo meio.¹

Nesse caso, o virtual não se trataria de reflexo do mundo concreto ou sua representação, mas ele próprio manifestado através de mecanismos tecnológicos com características próprias, tornando a exposição e experiência nesse ambiente diferenciada e por vezes amplificada, mas não fictícia ou ilusória.

Para Castells², tem-se uma “cultura da virtualidade real”, na qual:

Ela é real (e não imaginária) porque é nossa realidade fundamental, a base material sobre a qual vivemos nossa existência, construímos nossos sistemas de representação, exercemos nosso trabalho, vinculamo-nos a outras pessoas, obtemos informação, formamos nossas opiniões, atuamos na política e acalentamos nossos sonhos. Essa virtualidade é nossa realidade. É isso que caracteriza a cultura na Era

¹ LEVY, P., “O que é o virtual”. Ed. 34, São Paulo, 1996.

² CASTELLS, M., “A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade”. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz, Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

da informação: é principalmente através da virtualidade que processamos nossa criação de significado.³

Experimenta-se, no dinamismo da modernidade, um desencaixe dos sistemas sociais, segundo Anthony Giddens, havendo uma separação do tempo e espaço e sua recombinação. Esse dinamismo deriva, ainda, “da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas entradas (inputs) de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos”⁴

O ambiente das mídias sociais é, para Raquel Recuero, notadamente marcado por conversações que surgem da intersecção de várias redes sociais e são construídas e delimitadas em suas características, sendo conversações amplificadas, emergentes, complexas e nascidas da interconexão entre os atores, estando aptas a “influenciar eleições, levando políticos a se retratarem publicamente, de refletir tendências e de comentar coletivamente os programas de televisão. Elas podem organizar movimentos de ocupação em todo o mundo e influenciam revoltas armadas.”⁵

Segundo o pesquisador de mídia americano Henry Jenkins⁶, “as mídias tradicionais são passivas. As mídias atuais, participativas e interativas. Elas coexistem. Estão em rota de colisão”. Assim, desenvolvendo a ideia de cultura da convergência, ele realiza a análise da relação entre três conceitos fundamentais para a compreensão do desenvolvimento das mídias – a convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva. Esses conceitos demonstram as modificações operadas nos meios de comunicação social como um todo, devido à relação (ou colisão) entre antigas e novas mídias, onde as consolidadas mídias de massa consideradas tradicionais passam a coexistir com as novas mídias alternativas, numa relação simultânea de compartilhamento e ruptura, em um intenso fluxo de informações. Dessa forma, a cada pessoa é proporcionada a construção, a partir de pedaços e fragmentos de informações apreendidos do fluxo midiático e posteriormente modificados, de convicções, opiniões, ideias, perspectivas e histórias, e essa construção interior passa a ser um mecanismo de entendimento da vida cotidiana.⁷

³ CASTELLS, M., “A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade”. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 167.

⁴ GIDDENS, A., “As conseqüências da modernidade”. Tradução de Raul Fiker. São. Paulo: Unesp, 1991, p. 21.

⁵ RECUERO, R., “A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet”. Sulina, Porto Alegre, 2012, p. 122.

⁶ JENKINS, H., “Cultura da convergência”. Tradução Susana Alexandria. 2. ed. Aleph, São Paulo, 2009.

⁷ JENKINS, Henry. Cultura da convergência, cit, p. 30.

Indo além de uma mudança tecnológica, a convergência das mídias vem a alterar a relação entre todas as tecnologias já existentes, modificando a lógica segundo a qual a indústria midiática opera e a forma que indústria, mercados e públicos consumidores processam informações – notícia e entretenimento. Como expõe Jenkins “a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final.”⁸

A cultura da convergência é um processo que possui múltiplas perspectivas que se complementam e dialogam entre si. Nesse panorama têm-se, também, as grandes empresas de mídia descobrindo novas maneiras de acelerar esse fluxo, porém comercialmente direcionado. Dessa maneira, nessa relação de coexistência entre ambos os subtipos de convergência, ora há um fortalecimento mútuo, uma interconexão, compartilhamento e transferências de conteúdo, ora há uma relação de conflito, onde “essas duas forças entram em guerra, e essas batalhas irão redefinir a face da cultura popular[...].”⁹

Nas mídias sociais, as interações sejam por meio de diálogos, criação ou compartilhamento de conteúdo, tem a capacidade de produzir visibilidade, reputação e popularidade. Quanto mais vezes uma postagem é compartilhada, curtida ou comentada, ou quanto maior a quantidade de amigos ou seguidores uma pessoa tem, mais se modifica a percepção de si próprio e a percepção para os demais. Como Sibília¹⁰ muito bem expõe, com relação aos impactos nas subjetividades, se trata do “show do eu”. E quanto mais exposição e interação, mais dados sobre si próprio o usuário produz.

Ainda, em razão do culto a visibilidade, poderia se entender que a inibição e o juízo crítico sobre o que é publicado teria se perdido, minimizando a autorreflexão anterior a ação de publicar algo. Essa postura poderia impactar na intensificação da reverberação de informações em grande quantidade e não necessariamente em qualidade, ocasionando efeitos imprevisíveis e descontrolados, diante da velocidade e amplitude das mídias virtuais.

Outro conceito interessante para se compreender esse contexto é o de inteligência coletiva. A inteligência coletiva surgiria a partir da incapacidade individual de processamento e memorização de toda a quantidade de informações produzidas pelas mídias existentes. Dessa maneira, diante da impossibilidade de se ter conhecimento sobre

⁸ Op. cit, p. 43.

⁹ Op. cit. p. 46.

¹⁰ SIBILIA, Paula. “O show do eu: a intimidade como espetáculo”. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.

tudo, estando esse conhecimento fragmentado em cada pessoa, a inteligência coletiva é vista como uma fonte alternativa de poder midiático, segundo a qual é possível se juntar esses fragmentos, associando recursos com a união de habilidades. Essa fonte de poder tem sido construída e utilizadas através da cultura participativa, com interações cotidianas, seja para propósitos recreativos ou valorosos, proporcionando alterações nos mais variados âmbitos da vida em sociedade, como na educação, direito e política.¹¹

O cenário social contemporâneo marcado por essa velocidade do trânsito de informações - não apenas “vencem” as antigas barreiras de tempo e espaço, mas praticamente fazem com que elas deixem de existir.¹² Como uma mídia comunicativa, as redes sociais estão submetidas a toda a relação de interesses que as demais mídias de massa tradicionais se sujeitam na produção de informações - um agir estratégico subjacente, a partir de interesses econômicos, políticos, ideológicos e etc, que refletem na forma e no conteúdo das informações difundidas. Dessa maneira, no ambiente das redes sociais é possível observar que, embora haja uma multiplicidade de fontes individualmente estabelecidas, há também a existência de fatores manipulativos, com diversas finalidades.

A descentralização e alcance proporcionados pela internet se devem ao fato desta ter dado autonomia a qualquer pessoa no mundo que possua os meios técnicos necessários (suporte como computador, notebook, tablet, celular, conectado à internet) para falar o que quiser, e para quem quiser, de onde e para onde desejar. Tem-se, então, um ambiente em que há uma massiva produção de dados (big data) por usuários que geram informações as quais são utilizadas, categorizadas, replicadas por um aparato tecnológico baseado em inteligência artificial, como os algoritmos, permitindo, inclusive, a simulação de pessoas.¹³

As informações na internet estão hospedadas em inúmeros servidores que detém as informações de forma oculta aos olhos dos usuários. Isso significa que o que será ou não encontrado é influenciado por intermediários das buscas por informação na rede, sendo a internet, para o usuário comum, o que eles indexam. Além disso, para Ozéas Lopes, as informações constantemente são traduzidas por conteúdos manipulados à interesses privados, [...] havendo veladas e pretensiosas intenções de formações da

¹¹ JENKINS, Henry. Cultura da convergência, cit, p. 30.

¹² HABERMAS, J., “A constelação pós-nacional: ensaios políticos”. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. Littera Mundi, São Paulo, 2001, p. 57-58.

¹³ SANTOS, A., “O impacto do big data e dos algoritmos nas campanhas eleitorais”. Draft. Disponível em: <<<https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/03/Andreia-Santos-V-revisado.pdf>>> [03-2019].

opinião pública, bem como instrumentos disciplinares e de segurança para a ordem vigente.¹⁴

III. MÍDIAS SOCIAIS E A GESTÃO DA (DES)INFORMAÇÃO

Informações são a matéria-prima utilizada no processo de construção do conhecimento. E esse processo passa primeiramente pela criação de significados, a partir do rearranjo destes, da relação entre os sujeitos e o ambiente onde circulam estas informações e da interlocução dos próprios sujeitos entre si. Assim, a informação é uma espécie de glóbulo vermelho que caminha pelo processo da criação dos significados no sentido da produção de conhecimento, carregando o conteúdo que vai sendo acumulado neste processo até desembocar no momento de tomada das decisões.

Chun Wei Choo,¹⁵ ao discorrer sobre a sistematização do processo de construção de conhecimento nas organizações e a utilização das informações neste transcurso, afirma que esta “é um componente intrínseco de quase tudo que uma organização faz”. Neste sentido, podemos conceber a criação de significado, a construção do conhecimento e a tomada de decisões como três camadas concêntricas em que cada camada interna produz os fluxos de informação para a camada externa adjacente.

Para Choo, a informação flui do ambiente exterior e é progressivamente assimilada para permitir a tomada de decisões. Num primeiro momento, é percebida a informação sobre o ambiente da organização e, então, seu significado é construído socialmente. O conhecimento que reside na mente dos indivíduos, precisa ser convertido em conhecimento que possa ser partilhado e transformado em decisões e inovação. Quando existe conhecimento suficiente, a organização está preparada para a ação e escolhe seu curso racionalmente, de acordo com seus objetivos. Estas três arenas de uso da informação (criar significado, construir conhecimento e tomar decisões) são, segundo Choo, processos interligados, de modo que, analisando como essas três atividades se alimentam mutuamente, tem-se uma visão holística do uso da informação. Isto, em particular, orienta os processos de construção do conhecimento, seja no âmbito das

¹⁴ LOPES FILHO, O. C., “A Organização da Esfera Pública na Era das Mídias de Massa e a Contribuição Dialógica Habermasiana” / Ozéas Corrêa Lopes Filho, UFF / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, Niterói, 2014, pp. 103-104.

¹⁵ CHOO, C. W., “A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões”. Tradução de Eliana Rocha. SENAC, São Paulo, 2003, pp. 27-30.

organizações, seja no seio de cada segmento que compõe a sociedade, uma vez que ambas são formadas, em primeiro lugar, por pessoas.

Como dito, vivencia-se hoje um panorama em que o fluxo de informações está lançado numa velocidade vertiginosa em vista da qual não há volta atrás. É irrefreável. O dinamismo despertado pelo mundo moderno, ou seja, por esta transformação e sua radicalização, que costumamos chamar muitas vezes de pós-modernidade ou modernidade tardia¹⁶, provoca a consolidação de forças que não permitem mais a existência mundo calmo e contido (intencionalmente ou não), pelo menos no que diz respeito às relações humanas. Essas forças foram liberadas. Não há mais caminho de volta. Não há como cancelar a modernidade¹⁷.

¹⁶ Cabe aqui uma observação cautelosa a respeito da escolha do termo “modernidade tardia”. A expressão também poderia ser utilizada como “pós-modernidade”, desde que desligada de sentido histórico-geográfico, como ensina David Harvey (HARVEY, D., “Condição pós-moderna”. Loyola, São Paulo, 2009, p. 301). O prefixo “pós” não quer necessariamente dizer que é um fenômeno iniciado cronologicamente após o que se conhece como modernidade. Jania Maria Lopes Saldanha (SALDANHA, J. M. L., “Tempos de processo pós-moderno: O dilema cruzado entre ser hipermoderno e antimoderno”. In: THEODORO, H. T.; CALMON, P.; NUNES, D. J. C., (Org.). “Processo e Constituição: Os Dilemas do Processo Constitucional e dos Princípios Processuais Constitucionais”, GZ Editora, Rio de Janeiro, 2011, p. 237-280) entende que é impossível hoje chegar à uniformidade sobre o seu conceito, já que é realmente muito difícil que todos tenham a mesma identificação de um fenômeno quando a perspectiva das pessoas parte de dentro do próprio fenômeno. Assim, o ponto de partida é encarar a contemporaneidade como algo em construção, e não já com suas características formadas. Este tempo traz em si elementos de confirmação de aspectos da modernidade e outros de rompimento com ela. Jania se utiliza da teoria de Jacques Chevalier (CHEVALIER, J., “O Estado pós-moderno”. Editora Fórum, Belo Horizonte, 2009), que enxerga a pós-modernidade sob dois olhares: um, como mencionado anteriormente, de consolidação e hipertrofia de determinados aspectos da modernidade; outro de contestação, que vai de encontro a alguns legados modernos. Jean-Fraçois Lyotard usa a expressão, cunhada pelos idos da dec. de 70, como afirmativa de que “a atitude pós-moderna é aquela que desconfia das metanarrativas da modernidade, da busca do absoluto e da totalidade (apud LYOTARD, J. F., “A condição pós-moderna”. José Olympio, São Paulo, 2008). A crítica ao comportamento moderno, entretanto, já era feita pelo menos desde a “Dialética do Esclarecimento”, de Adorno e Horkheimer (ADORNO, T. HORKHEIMER, M. “Dialética do esclarecimento. Fragmentos filosóficos”. Zahar, Rio de Janeiro, 1985, p. 20), cuja obra afirma que o esclarecimento consiste no cálculo da eficácia e da técnica de profusão e difusão e tudo o que não se reduzisse a números não passaria de uma ilusão, daí a inevitabilidade da destruição dos deuses e das qualidades. Segundo Harvey (Ibid., p. 301), a própria modernidade trouxe nela a sua falência, a própria impossibilidade de responder as suas questões, de alcançar os seus objetivos. Todavia, a pós-modernidade não seria exatamente o que se sucedeu linearmente após a modernidade, já que alguns de seus elementos ainda estão presentes. Por isto a preferência pelo termo que não denota um rompimento, mas uma modificação. Alguns autores, como o sociólogo britânico Anthony Giddens (GIDDENS, A., “Para além da esquerda e da direita”. UNESP, São Paulo, 1996, p.12) evitam o termo “pós-modernidade” e preferem utilizar-se da expressão “modernidade reflexiva”, num esforço de desconstrução criativa desta era e a reconstrução com novas formas sociais, como uma nova modernidade.

¹⁷ Um dos melhores diagnósticos feitos pelo estudo deste fenômeno é o da fluidez da modernidade, ou em outras palavras, a transformação da solidez para a liquidez das instituições, por Zygmunt Bauman (BAUMAN, Z., “Globalização – as consequências humanas”. Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro, 1999). O sociólogo polonês e autor contemporâneo ajuda a compreender melhor a forma como perceber esta realidade, indo desde a análise do comportamento do capitalismo da especialização flexível – e o processo de desengajamento entre o capital e as forças produtivas – até as relações que esta dinâmica possui no aumento da sensação de insegurança e consequente esfriamento dos laços humanos: o “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das

Apresenta-se então uma época de fragilidade dos laços humanos, de erosão da lealdade e do senso de compromisso mútuo. Desde o desencantamento do mundo¹⁸ e a proveniente corrosão do conforto oferecido pelos valores transcendentais contidos nas narrativas tradicionais que atribuíam sentido ao mundo da vida, as transformações se intensificaram em velocidade exponencial.

Essa dinâmica tem implicações na própria ordem social. Tais sintomas se revelam no retraimento da política, no esfriamento das relações entre as pessoas e no isolamento físico do homem em detrimento da procura própria por interação nas mídias sociais. E esse fenômeno pode ter como uma das causas exatamente a rapidez cada vez mais desproporcional com que o mundo se movimenta, o que faz com que características como a lealdade, a confiança, o compromisso mútuo não consiga se consolidar, pois o tempo é primordial para que isso aconteça. Em outras palavras, é cada vez mais escassa a existência de vínculos duradouros e referências estáveis.

Entende-se que, diante da nova forma de criação e compartilhamento de informações propiciada através da internet, nasceu uma infraestrutura de dados caracterizada pelo volume, velocidade e variedade e que servem ao uso de informações com finalidades específicas e determinadas, mas não explicitadas.

A essa infraestrutura deu-se o nome de *Big Data*, que representa um intrincado agrupamento de dados produzido em grande quantidade, em grande velocidade e diversidade. Nesse contexto de excesso de informação, esse conjunto é consequência desse excesso de informação e, também, balizador dessa estrutura.

A tendência a visibilidade e a redução de cuidado com a exposição e privacidade nas mídias sociais é algo a ser observado e tem sido largamente discutido. Na mesma medida em que se busca a proteção de dados pessoais, bancários, comerciais, etc, por outro lado provoca-se uma exposição e exibição intensa de outros aspectos, também privados. Assim, Sibilia questiona:

Como entender estes processos? Podemos dizer, simplesmente, que hoje o privado se torna público? A resposta se intui mais complexa, sugerindo uma imbricação e

forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. Desde o desencantamento do mundo e a proveniente corrosão do conforto oferecido pelos valores transcendentais contidos nas narrativas tradicionais que atribuíam sentido ao mundo da vida, as transformações se intensificaram em velocidade exponencial. É o que, nas palavras de Anthony Giddens (GIDDENS, A., “Para além da esquerda e da direita”. UNESP, São Paulo, 1996) se denominou de sociedade “destraditionalizada”.

¹⁸ WEBER, M., “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. Livraria Pioneira, 4 ed., São Paulo, 1985.

interpenetração de ambos os espaços, capaz de reconfigurá-los até tornar obsoleta a velha distinção. Além disso, estaria ocorrendo uma mutação profunda na produção de subjetividade, pois nesses ambientes metamorfoseados germinam “modos de ser” cada vez mais distantes daquele caráter introdirigido que definia o Homo psychologicus da era industrial. Inauguram-se, assim, em meio a todos esses deslocamentos, outras formas de consolidar a própria experiência e outros modos de autotematização, outros regimes de constituição do eu e outras formas de se relacionar com o mundo e com os demais sujeitos.¹⁹

O *big data* se situa precisamente na linha tênue entre essas esferas imbricadas, entre o que se expõe (se publica, curte, comenta) e o que seria considerado secreto (dados de endereço para entrega, CPF, pesquisas realizadas em sites, vídeos assistidos, etc.). Assim, forma-se uma infraestrutura de dados e informações que utilizados e combinados através de um aparato específico composto por elementos de inteligência artificial (algoritmos, robôs, etc.) são utilizados para as mais diversas finalidades (ideológicas, políticas, de consumo) por empresas especializadas e contratadas. Informações que produzimos, conscientemente ou não, permitem que mais dados e informações sejam produzidos.

Esse contexto permite com que haja um mapeamento específico (pautado nos dados produzidos por determinada pessoa) para que haja um direcionamento de conteúdo personalizado. Pode-se, por exemplo, intensificar um desejo de consumo por um bem sobre o qual foi feita uma pesquisa, e posteriormente surgem propagandas desse mesmo bem (*remarketing*), bem como reforçar intensamente um posicionamento ideológico ou político através de conteúdo que seja compatível com a predisposição do usuário (vide exemplo das eleições de Donald Trump). É possível, ainda, que notícias sejam intencionalmente fabricadas para modelar a opinião de um grupo de usuários, sendo ela verdadeira ou não, como o caso das *fake news*. Tem-se, então um ambiente em que opiniões são formadas pautadas em informações fictícias criadas para causarem adesão naquele que as recebe com base em informações de interesse previamente obtidas dessa mesma pessoa.

Não se pode negar que a tecnologia permite a expansão de acesso às fontes de informações, as quais deixam de se limitar às tradicionais, aumentando o potencial comunicativo e por isso, em princípio, ampliando as possibilidades de autonomia. Entretanto, o aparato tecnológico a serviço da gestão da informação e a disponibilização de meios eletrônicos não parecem estar sendo suficientes para que esta informação seja

¹⁹ SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo, cit, p. 78.

disponibilizada e democratizada de forma que sejam preservadas a vontade, a liberdade e a autonomia de quem a recebe²⁰. Assim, ocorre, ao contrário, um verdadeiro processo de desinformação, com base numa racionalidade voltada para fins²¹.

Ao mesmo tempo em que se está diante de um expressivo aumento das ferramentas de gestão de informação, também há, em contrapartida, uma potencial diminuição dos significados que esta (informação) possui (já que não há tempo suficiente para a maturação de sua interpretação) e, em consequência, há uma flagrante compreensão míope do conhecimento gerado. Este contexto é, por vezes, influenciado pela manipulação intencional do processo de construção do conhecimento, sendo utilizadas ferramentas que alteram tanto a formação dos significados como a forma de fluxo das informações, de modo a condicionar a tomada das decisões. Cria-se a partir daí um campo fértil para a interpretação de notícias e mensagens sobre o ambiente, que estimula estrategicamente a decidir de uma determinada maneira, tudo isso com base em informações especialmente produzidas para este fim.

Dentro deste contexto, é possível identificar diversos instrumentos empregados para falsear propositalmente a compreensão da realidade para segmentos da sociedade, o que em si não é uma novidade, contudo agora com o auxílio de um aparato tecnológico que conta com um número de possibilidades cada vez maior. São tecnologias que permitem não somente viabilizar a elaboração de material com informações falsas, como também mapear com incrível precisão quais segmentos quer afetar e que tipo de reação - ou comoção - deseja obter. Mecanismos, por exemplo, como os mencionados algoritmos de aprendizado de inteligência artificial para quantificar os grupos sociais com base nos

²⁰ Segundo KANT (KANT, I., “Fundamentação da metafísica dos costumes”. Tradução de Paulo Quintela. Edições 70, Lisboa, 1988), o ser humano é um ser de ação e o conhecimento é um instrumento para que ele consiga realizá-las. A razão tem dimensões que se unem dentro dela, formando uma unidade. Uma delas é a cognitiva, do entendimento (*verstand*), possuindo elementos de sensibilidade (espaço e tempo) e categorias de entendimento. A outra é a dimensão de ação (*vernunft*), que se traduz no que denomina de razão prática. Como condição de possibilidade para o uso público da razão, é necessário que o ser humano seja dotado do querer (vontade), da liberdade e de autonomia.

²¹ A visão de um espaço social formado pela comunicação (ou seja, a criação de um espaço argumentativo, aberto e racional por meio do qual a sociedade procura estabelecer consensos) foi alcançada por Habermas desde a sua obra primogênita *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, fruto de seu doutoramento em princípios da década de 1960. Já em 1968, em *Técnica e Ciência como Ideologia*, há esclarecida a percepção de duas racionalidades presentes no comportamento humano; uma ação racional voltada para fins, com a predominância de uma dominação e outra livre dela, em que um sujeito reconhece a sua natureza no outro sujeito, formando embrionariamente o que seriam os parâmetros basilares da ideia de uma teoria discursiva da moral. O amadurecimento da ideia se deu em *A consciência Moral e o Agir Comunicativo*, de 1983, mais precisamente nos seus capítulos 2 e 3, quando neste traz os fundamentos de uma ética do discurso, e naquele quando estabelece um diálogo com o psicólogo norte-americano Lawrence Kohlberg, cuja obra expressava forte influência do Construtivismo de Jean Piaget, não voltado para o conhecimento, mas voltado para os níveis de desenvolvimento moral.

mais diversos marcadores (gênero, idade, geografia, religião, afinidades comerciais e estilos de vida, posições políticas etc.) ou robôs virtuais com habilidades para comentar e responder comentários com o objetivo de adensar a crítica ou a defesa de matérias jornalísticas ou postagens em redes sociais, dando a impressão de que há apoio popular a um ou outro posicionamento.

Como exemplo da explicitação da existência desse aparato, temos o caso que ficou conhecido como “Bolovo”, ocorrido durante o período eleitoral brasileiro de 2018.

Na tentativa de evitar o rastreamento das postagens a respeito do candidato à presidência Bolsonaro, a oposição se utilizou de diversos apelidos e variações, fugindo assim de alçar o nome em si do candidato ao tópico de mais comentados, bem como para impedir que robôs encontrassem as postagens e (em comportamentos que simulam pessoas) comentassem a favor do candidato.. Alguns exemplos foram os nomes Bozo, Bolso, Bonoro, etc. Passados alguns dias, os robôs também foram programados para responder a esses apelidos. Ocorre que duas matérias divulgadas pela Folha de S.Paulo nas redes sociais com as palavras “bolso” e “bolovo”, sem nenhuma relação com política, ativou os chamados bots, que realizaram diversos comentários defendendo o candidato e atacando a oposição: uma postagem era sobre culinária e outra de uma joalheria.²²

Outros casos, envolvendo a manipulação e disseminação de notícias, têm demonstrado o resultado prático da aplicação de tecnologias voltadas para a desinformação, como o episódio da saída do Reino Unido da União Europeia, conhecido como “Brexit” ou da eleição presidencial norte-americana no ano de 2016. No Brasil, episódios políticos (como a eleição presidencial de 2018) ou não (como as malsucedidas campanhas de vacinação) também podem ser utilizados para a verificação do fenômeno, comum a todos os casos.

IV. (DES)INFORMAÇÃO E CRISES INSTITUCIONAIS

Para Habermas, os efeitos da aceleração e acessibilidade proveniente das técnicas avançadas de comunicação possuem uma importância distinta, através das quais há a modificação a longo prazo do horizonte cotidiano de experiências e as distâncias espaciais e temporais não são apenas mais vencidas, mas desaparecem. Com o desaparecimento

²² Revista Fórum. “Tuítes da Folha sobre “bolso” e “bolovo” ativam ação de robôs, que saem em defesa de Bolsonaro”. Disponível em <<https://www.revistaforum.com.br/tuites-da-folha-sobre-bolso-e-bolovo-ativam-acao-de-robos-que-saem-em-defesa-de-bolsonaro/>> Acesso em mai 2019.

dessas fronteiras, “mais pessoas podem conseguir manipular quantidades maiores de informações múltiplas e trocá-las em um mesmo tempo que independe das distâncias”²³, sendo difícil avaliar as consequências mentais (e cognitivas) da internet, e os impactos que sua dinâmica pode desempenhar na sociedade e, conseqüentemente, nas instituições que a sustentam.

Envolvida de maneira fundamental com as instituições da modernidade está a confiança, segundo Giddens²⁴, estando a natureza dessas instituições profundamente ligada ao mecanismo da confiança em sistemas abstratos, especialmente confiança em sistemas peritos. É uma forma de fé" na qual a segurança adquirida em resultados prováveis expressa mais um compromisso com algo do que apenas uma compreensão cognitiva. A confiança está relacionada à ausência no tempo e no espaço. Ela só é exigida onde há ignorância (ou das reivindicações de conhecimento de peritos técnicos ou dos pensamentos e intenções de pessoas íntimas com as quais se conta - a ignorância, entretanto, sempre fornece terreno para ceticismo ou pelo menos cautela). É a crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico).

Atitudes de confiança, de falta de confiança, para com sistemas abstratos específicos são passíveis de ser fortemente influenciadas, dentre outros, por atualizações de conhecimento que, através dos meios de comunicação e de outras fontes, são proporcionadas tanto para os leigos como para os peritos técnicos, podendo levar ao abandono na relação leigo-cliente, a um cinismo resignado e, até mesmo, ao desengajamento do sistema. Nesse contexto, ter-se-ia, muito além da desconfiança, uma ansiedade existencial persistente²⁵. Dessa forma, a ignorância (como condição para a confiança) é relativizada pela aquisição de conhecimento (ou, ao menos, por essa sensação) diante do intenso e constante fluxo de informações disponíveis na rede.

Aviv Ovadya²⁶ conduz a uma possível observação imediata sobre os efeitos e tendências neste novo panorama, no que tange à formação das opiniões frente à dinâmica

²³ HABERMAS, Jürgen. A constelação pós-nacional: ensaios políticos, cit, p. 57-58.

²⁴ GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. cit, p. 21-100.

²⁵ Op. cit., 83.

²⁶ OVADYA, A., EL PAIS. “Quando você só acredita no que quer, não há como ter democracia”. 2019. Disponible en: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/17/politica/1539729903_777514.html?id_externo_rsoc=FB_C&fbclid=IwAR1xdP__VNp0q8i4vKgPgr9KzVy-IEahUsdxDI24S1WZ3T2VOwg8SilNgP8>>. [10-06-2019].

da manipulação estratégica da (des)informação em escala global: a formação de grupos complementares de desinformados, que se diferem apenas pelo nível de intensidade de suas convicções. São grupos de pessoas: 1 - que têm certeza do que acredita e possui convicções formadas, fechando-se para as opiniões contrárias, configurando uma radicalização das opiniões, na qual é aplicado um filtro de receptividade somente aberto para informações extraídas de fontes aparentemente “confiáveis” e; 2 - que não possuem e nem se veem em condições de formar convicção, justamente por não no que confiar (termo cunhado por ele de “apatia à realidade”).

Em ambos os casos, abre-se um perigoso caminho para a supressão da democracia com base em uma nova forma de dominação, não como tradicionalmente se conhece por meio da tirania de um regime governamental totalitário, mas por meio de uma sofisticada manipulação ideológica, respeitando todas as regras formais de um regime democrático. E tal sofisticação passa pela forma como são construídos os abalos intencionais nas instituições e o modo silencioso como é feito.

Segundo Aviv, é possível tanto criar uma *polity simulation* (ou simulação de política), ou seja:

criar a impressão de que muita gente se importa com algo com a finalidade de impulsionar uma agenda. A versão simplificada disso é a manipulação do que é tendência no Twitter e no Facebook. Você pode mudar as tendências criando vários bots ou simplesmente colocando várias pessoas para, de uma vez só, fazer uma coisa, e aí faz parecer que se trata de um tema muito importante, muito embora ninguém saiba ou se importe com aquilo. Se você tem vídeo ou áudio, você pode ter todas essas ligações falsas para políticos: “Ah, você precisa fazer essas mudanças nessa coisa para tal político”. Então há níveis diferentes de como você pode em termos de ser capaz de mudar o que as pessoas acreditam que todos se importam, formando meio que uma população.

Ou ainda condições que imprimam uma aparência de caos institucional no qual se conclua não valer à pena o esforço para se apurar os fatos, criando-se uma espécie de “apatia à realidade”:

Temos algo como essa apatia à realidade em ambientes em que há muito pouca confiança, e [em que], se você falar com alguém, eles ficam como que dizendo “eu nem sei o que é real, eu desisto, isso é muito complicado, vou assistir a algum programa na TV”. Acho que já vimos muito disso. E se você não pode acreditar no que você vê com seus olhos nem no que você lê, isso faz com que sua habilidade ou sua vontade de se importar simplesmente vá abaixo”.

Com tal pano de fundo, manifesta-se uma nova e mais eficiente forma de influenciar massas através do uso intencional do processo de gestão de informação a fim

de atingir de maneira mais ágil as crises institucionais, que surgem, como diz Habermas²⁷: “quando a estrutura de um sistema social permite menores possibilidades para resolver o problema do que são necessárias para a contínua existência do sistema.”.

Assim por este sistema, o cenário ideal é aquele em que se obtém a adesão do quórum necessário para garantir a legitimidade da decisão de mudança do *status quo* partindo-se do mapeamento detalhado de personalidades, escolhas, preocupações e motivações destas pessoas. É possível então alcançar perfeitamente que mensagem se deve enviar e para quem se deverá fazê-lo.

Através das observações de eventos e citações na literatura, pôde-se concluir haver uma sensível reconfiguração da plataforma em que ocorrem as dinâmicas do fluxo de informação e a sua direta implicação nas crises institucionais, de modo que a manipulação estratégica de informações, embora sempre tenha existido, foi impulsionada de maneira sem precedentes pela potencialização exponencial dos meios tecnológicos e pelas consequências irrefreáveis da modernidade.

CONCLUSÃO

Entende-se, diante do estudo realizado, que a gestão da informação no ambiente das mídias sociais possui uma dinâmica nova e ainda pouco compreendida em sua totalidade, a qual envolve desde relações interpessoais à utilização de um aparato tecnológico sofisticado e, de certa forma, velado, que cria e modifica informações, situações e, inclusive, “pessoas” (com a implementação dos chamados “bots”, que simulam ações humanas repetidas vezes de maneira padrão).

A manipulação dos dados existentes nesse meio (e da própria condição deste meio) propicia um contexto no qual a capacidade crítica, de formação de opinião e de compreensão da realidade circundante é comprometida, e a segurança e confiança nas instituições é abalada, gerando uma descrença na legitimidade e capacidade dessas instituições atenderem aos anseios da sociedade.

Assim, a ausência de elementos nesse ambiente de comunicação virtual em rede como sinceridade, honestidade, moralidade, gera uma quebra de expectativas morais que conduzem a falta de confiança. Tal de confiança leva a uma deterioração social, a uma perda de credibilidade generalizada, abrindo caminho para a possibilidade de legitimação

²⁷ HABERMAS, Jürgen. “A Crise de legitimação no capitalismo tardio”; tradução de Vamireh Chacon. -: Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1980, p. 13.

de ideologias que oportunamente se utilizam dessa irracionalidade e irreflexão para formar convicções e opiniões dogmáticas, as quais funcionam em desfavor da estabilidade das instituições enquanto mecanismos de organização social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. HORKHEIMER, M. “Dialética do esclarecimento. Fragmentos filosóficos”. Zahar, Rio de Janeiro, 1985.
- BAUMAN, Z., “Globalização – as consequências humanas”. Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro, 1999.
- CASTELLS, M., “A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade”. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz, Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- CHEVALIER, J., “O Estado pós-moderno”. Editora Fórum, Belo Horizonte, 2009.
- CHOO, C. W., “A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões”. Tradução de Eliana Rocha. SENAC, São Paulo, 2003.
- GIDDENS, A., “As consequências da modernidade”. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, A., “Para além da esquerda e da direita”. UNESP, São Paulo, 1996.
- HABERMAS, J., “A Crise de legitimação no capitalismo tardio”. Tradução de Vamireh Chacon. Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1980.
- HABERMAS, J., “A constelação pós-nacional: ensaios políticos”. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. Littera Mundi, São Paulo, 2001.
- HARVEY, D., “Condição pós-moderna”. Loyola, São Paulo, 2009.
- JENKINS, H., “Cultura da convergência”. Tradução Susana Alexandria. 2. ed. Aleph, São Paulo, 2009.
- KANT, I., “Fundamentação da metafísica dos costumes”. Tradução de Paulo Quintela. Edições 70, Lisboa, 1988.
- LEVY, P., “O que é o virtual”. Ed. 34, São Paulo, 1996.
- LOPES FILHO, O. C., “A Organização da Esfera Pública na Era das Mídiasde Massa e a Contribuição Dialógica Habermasiana” / Ozéas Corrêa Lopes Filho, UFF / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, Niterói, 2014.
- LYOTARD, J. F., “A condição pós-moderna”. José Olympio, São Paulo, 2008.
- OVADYA, A., EL PAIS. “Quando você só acredita no que quer, não há como ter democracia”. 2019. Disponible en:
<<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/17/politica/1539729903_777514.html?id_externo_rsoc=FB_CC&fbclid=IwAR1xdP__VNp0q8i4vKgPgr9KzVy-IEahUsdxDI24S1WZ3T2VOwg8SilNgP8>>.[10-06-2019]

RECUERO, R., “A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet”. Sulina, Porto Alegre, 2012.

SALDANHA, J. M. L., “Tempos de processo pós-moderno: O dilema cruzado entre ser hipermoderno e antimoderno”. In: THEODORO, H. T.; CALMON, P.; NUNES, D. J. C., (Org.). “Processo e Constituição: Os Dilemas do Processo Constitucional e dos Princípios Processuais Constitucionais”, GZ Editora, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, A., “O impacto do big data e dos algoritmos nas campanhas eleitorais”. Draft. Disponible em: <<<https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/03/Andreia-Santos-V-revisado.pdf>>> [03-2019].

SIBILIA, Paula. “O show do eu: a intimidade como espetáculo”. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.

WEBER, M., “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. Livraria Pioneira, 4 ed., São Paulo, 1985.